



LIÇÃO 07

**16 de Fevereiro de 2025
1º TRIMESTRE 2025
ADULTOS**

Murilo Alencar

As Naturezas Humana e Divina De Jesus

Esboço Da Lição 7

Do 1º Trimestre

De 2025

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

EM DEFESA DA FÉ CRISTÃ
Combatendo as Antigas Heresias que se Apresentam com Nova Aparência

Domingo, 16 fevereiro de 2025

AS NATUREZAS HUMANA E DIVINA DE JESUS

O QUE ESTUDAREMOS?

A presente lição é uma apologia à doutrina bíblica da União Hipostática, isto é, as duas naturezas de Cristo: divina e humana. Além disso, mediante a apresentação dos fundamentos bíblicos dessa doutrina, refutaremos o Nestorianismo e o Monofisismo. Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

SOBRE O TÍTULO DA LIÇÃO

Na lição 3, aprendemos que Jesus veio ao mundo como um homem perfeito, plenamente humano, mas sem pecado (Jo 1.14; 2 Tm 2.5; Hb 4.15). Na lição 5, estudamos Sua divindade, revelada por Seus atributos e obras. O Novo Testamento ensina que Jesus é plenamente Deus e plenamente homem.

O título desta lição é: **As Naturezas Humana e Divina de Jesus**. O termo "natureza" pode ser definido como o conjunto de atributos e qualidades que caracterizam um ser. Jesus possui uma natureza humana, pois reúne todos os atributos e qualidades que o tornam plenamente homem. Ao mesmo tempo, Ele também possui uma natureza divina, manifestando os atributos e qualidades próprios de Deus.

TEXTO ÁUREO – COMPARAÇÃO DE TRADUÇÕES

Do povo de Israel vêm os patriarcas, e o próprio Cristo, quanto à sua natureza humana, era israelita. E ele é Deus, aquele que governa sobre todas as coisas e é digno de louvor eterno! Amém. (Rm 9.5 NVT).

A doutrina das duas naturezas de Cristo – sua humanidade e divindade – é central para a fé cristã. Esse ensino é claramente estabelecido nas Escrituras e foi historicamente defendido pela Igreja contra heresias que negavam ou distorciam qualquer um desses aspectos.

A doutrina da união hipostática ensina que Cristo é uma pessoa com duas naturezas distintas: plenamente Deus e plenamente homem. Isso não significa que Ele era meio Deus e meio homem, nem uma fusão de ambas as naturezas em uma terceira natureza híbrida. Pelo contrário, as duas naturezas coexistem sem confusão, mudança, divisão ou separação, conforme definido pelo Concílio de Calcedônia (451 d.C.).

VERDADE PRÁTICA

Jesus é o eterno e verdadeiro Deus e, ao mesmo tempo, o verdadeiro homem.

Essa verdade é essencial para a nossa salvação. Se Jesus não fosse humano, não poderia morrer em nosso lugar; se não fosse Deus, seu sacrifício não teria valor infinito para redimir uma multidão incontável de pecadores. Por isso, afirmar e defender a plena humanidade e divindade de Cristo é preservar a essência do Evangelho.

I. O ENSINO BÍBLICO DA DUPLA NATUREZA DE JESUS

1.1 “Descendência de Davi segundo a carne (Rm 1.3)”.

A LIÇÃO DIZ: *O apóstolo está se referindo aos ancestrais de Jesus. Ele veio de uma família humana de carne e ossos que vivia entre o povo de Israel. A sua linhagem está registrada nos evangelhos de Mateus e Lucas.*

Vamos entender, com mais detalhes, a doutrina da união hipostática e/ou natureza teantrópica. Primeiro, algumas definições complementares já que os termos técnicos são desconhecidos da maioria dos irmãos.

A palavra "hipostática" vem do grego *hypostasis*, que significa "substância" ou "pessoa". Assim, a união hipostática ensina que Jesus Cristo é uma única pessoa com duas naturezas distintas.

A natureza teantrópica é a natureza de Jesus Cristo, resultante da união de Sua natureza divina e humana. A palavra "teantrópica" vem do grego *theos*, que significa "Deus", e *anthropos*, que significa "homem". Jesus Cristo é considerado a única pessoa teantrópica, pois é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

É importante destacar que a Igreja não inventou essa doutrina; ela apenas refinou e estabeleceu termos específicos para nomeá-la. As doutrinas estão claramente registradas na Bíblia.

O texto apresentado pela lição nos diz:

acerca de seu Filho, que, como homem, era descendente de Davi, (Rm 1.3 NVI).

Essa passagem destaca que Jesus não apenas apareceu como homem, mas realmente assumiu uma linhagem humana, inserindo-se na história de Israel como um verdadeiro descendente de Davi. Isso confirma que Ele possuía uma natureza humana completa, com genealogia, corpo físico e todas as características de um ser humano, exceto o pecado. *“Pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado”*. (Hb 4.15).

Esse aspecto da união hipostática ensina que Jesus não era um ser celestial disfarçado de homem, mas verdadeiro homem, compartilhando nossa condição, sofrendo, crescendo e vivendo plenamente como um ser humano.

1.2 “Declarado Filho de Deus em poder (Rm 1.4)”.

A LIÇÃO DIZ: *Essa expressão indica a divindade de Jesus e isso é reforçado logo em seguida pelas palavras “Jesus Cristo, nosso Senhor”. O Senhor Jesus é um judeu, descendente de Israel e, ao mesmo tempo, é o Deus bendito eternamente.*

O texto bíblico diz:

e que mediante o Espírito de santidade foi declarado Filho de Deus com poder, pela sua ressurreição dentre os mortos: Jesus Cristo, nosso Senhor. (Rm 1.4 NVI).

Esse versículo destaca que Jesus não era apenas um homem, mas o próprio Filho de Deus, com autoridade e poder divino. Quando dizemos que Jesus é o Filho de Deus, descrevemos seu caráter inigualável. Deus tem muitos filhos. Todos os cristãos são seus filhos (Gl 4.5–7), e até mesmo os anjos são chamados de filhos de Deus (Jó 1.6; 2.1). Jesus, porém, é Filho de Deus num sentido *singular*. Quando Jesus se referiu a Deus como seu Pai, os judeus entenderam corretamente que ele estava declarando ser igual a Deus (Jo 5.18).

Sua ressurreição é a maior prova de Sua divindade, demonstrando que Ele tem poder sobre a morte, algo que só Deus pode realizar. Além disso, o título “Senhor” reforça Sua soberania e identidade divina, pois no contexto bíblico, esse termo era usado para se referir ao próprio Deus.

1.3 O antigo hino Cristológico (Fp 2.5,6).

A LIÇÃO DIZ: *O texto está dizendo que, embora Jesus sendo Deus, não usou as prerrogativas da divindade durante seu ministério terreno e, mesmo que fizesse uso delas, não consideraria isso uma usurpação. O apóstolo está se referindo ao status de Cristo antes da encarnação (Fp 2:6-7). Mas enfatiza o aspecto humano (vv. 7-8). O apóstolo está sendo muito claro no ensino das naturezas humana e divina em uma só Pessoa.*

Quando lemos que Cristo Jesus subsistiu em forma de Deus, aprendemos que Ele existiu desde a eternidade como Deus. Ele não é apenas semelhante a Deus, mas verdadeiramente é Deus, no mais pleno e absoluto sentido da palavra.

No entanto, Ele não considerou como usurpação o ser igual a Deus. É fundamental distinguir aqui entre igualdade pessoal com Deus e igualdade posicional. Quanto à Sua Pessoa, Cristo sempre foi, é e será igualmente Deus. Era impossível para Ele abrir mão dessa igualdade. No entanto, igualdade posicional é outra questão. Desde a eternidade, Cristo gozava da igualdade posicional com o Pai, compartilhando as glórias do céu. No entanto, Ele não considerou necessário apegar-se a essa posição a qualquer custo. Quando foi necessário redimir a humanidade perdida, Ele abriu mão voluntariamente de Sua igualdade posicional com Deus, ou seja, dos confortos e da glória do céu.

- Ele renunciou à Sua glória celestial. Ele tinha glória com o Pai antes que houvesse mundo (Jo 17.5). No entanto, voluntariamente deixou a companhia os céus e veio para ser perseguido e cuspidos pelos homens. Do infinito sideral de eterno deleite, na própria presença do Pai, voluntariamente Ele desceu a este reino de miséria a fim de armar a Sua tenda com os pecadores.
- Ele renunciou ao livre exercício de Sua autoridade. Ele voluntariamente submeteu-se ao Pai e diz: “*Eu não procuro a minha própria vontade, e, sim, a daquele que me enviou*” (Jo 5.30).
- Ele renunciou às Suas riquezas. O apóstolo Paulo diz: “Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2Co 8.9).

A si mesmo se esvaziou. Diante dessa afirmação, surge a pergunta: "Em que sentido o Senhor Jesus se esvaziou?"

Devemos ter cuidado ao responder a essa pergunta, pois muitas vezes, ao tentar explicar esse "esvaziamento", alguns acabam retirando de Cristo os atributos de Sua divindade. Por exemplo, há quem afirme que o Senhor Jesus, enquanto esteve na Terra, não era onisciente nem onipotente; que Ele não podia estar em todos os lugares ao mesmo tempo; que, voluntariamente, Ele renunciou a esses atributos divinos ao se tornar homem. Alguns até afirmam que Ele estava sujeito às mesmas limitações dos homens, passível de erro, e que aceitava as opiniões e os mitos comuns de Sua época.

Refutamos isso totalmente. O Senhor Jesus Cristo não renunciou a nenhum de Seus atributos divinos quando veio a este mundo.

Ele continuou a ser onisciente (sabendo todas as coisas).

Continuou a ser onipresente (presente em todos os lugares ao mesmo tempo).

Continuou a ser onipotente (todo-poderoso).

Não houve um único momento, durante toda Sua vida na Terra, em que Ele tenha deixado de possuir os atributos divinos.

Como já foi dito, é necessário cuidado ao explicar a frase "A si mesmo se esvaziou". O método mais seguro é deixar que as expressões seguintes forneçam a explicação: Ele se esvaziou assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens. Ou seja, Ele se esvaziou ao assumir algo que nunca teve antes: a humanidade. Ele não pôs à parte Sua divindade, mas sim Sua posição celestial, e isso foi feito de maneira temporária.

II. AS HERESIAS CONTRA O ENSINO BÍBLICO DA DUPLA NATUREZA DE JESUS

2.1 Quem foi Nestório?

A LIÇÃO DIZ: *Ele foi bispo de Constantinopla entre 428-431.*

Vamos abordar, resumidamente, a biografia de Nestório tendo em mente uma citação e uma afirmação do Pastor Esequias Soares (Soares, 2024, p. 101, 102):

"Segundo Paul Tillich, Nestório "foi o mais inocente dos hereges. Na verdade, tornou-se vítima da polêmica entre Bizâncio e Alexandria"

Mas, há quem afirme, e não são poucos, que esse pensamento era uma caricatura do ensino dele, que não foi isso que ensinou, teria sido uma acusação injusta promovida por Cirilo de Alexandria.

- Nascimento e formação inicial. Nestório nasceu em Germanícia, na Síria, possivelmente em 381 d.C. Sua formação teológica ocorreu em um mosteiro de Antioquia, onde provavelmente foi discípulo de Teodoro de Mopsuéstia, um dos principais expoentes da escola teológica de Antioquia. Essa escola cristológica defendia a distinção entre as naturezas divina e humana de Cristo e foi crucial para a formação do pensamento teológico de Nestório.
- Ascensão à patriarquia de Constantinopla. Em 428, Nestório foi nomeado Patriarca de Constantinopla pelo imperador Teodósio II. A capital do Império Romano Oriental era um dos maiores centros religiosos e políticos da época, e essa nomeação deu a Nestório uma posição de grande poder e influência.
- Controvérsia sobre o Título "Theotokos". O grande ponto de discórdia que marcou o início da liderança de Nestório foi sua oposição ao uso do título "Theotokos" (Mãe de Deus) para Maria. Esse título havia se popularizado na devoção cristã, mas, como patriarca da escola antioquiana, Nestório acreditava que ele confundia as duas naturezas de Cristo — a humana e a divina. Para ele, o termo sugeria uma fusão indevida entre as naturezas de Cristo. Nestório preferia os termos "Christotokos" (Mãe de Cristo) ou "Anthropotokos" (Portadora de Homem), que destacavam a humanidade de Jesus sem comprometer a distinção entre suas naturezas. Ele argumentava que "a criatura não deu à luz o Incrível", em referência ao Logos eterno.
- A oposição de Cirilo de Alexandria e o Conflito Teológico. A oposição mais feroz que Nestório enfrentou veio de Cirilo de Alexandria, que defendia vigorosamente a unidade hipostática de Cristo, a ideia de que em Cristo há uma unidade real entre as naturezas divina e humana, sem mistura. A disputa entre as duas escolas cristológicas, a de Antioquia (defendida por Nestório) e a de Alexandria (defendida por Cirilo), foi também influenciada por rivalidades e disputas políticas entre as sedes patriarcais. Quando Cirilo soube da posição de Nestório sobre a união das naturezas, acusou-o de dividir a pessoa de Cristo em duas entidades separadas — uma divina e uma humana.
- Condenação e deposição. A controvérsia sobre as naturezas de Cristo levou à condenação oficial de Nestório. Em 431, o Concílio de Éfeso, convocado pelo papa Celestino I e dominado

por Cirilo de Alexandria, depôs Nestório e o acusou de heresia. O concílio afirmou que a pessoa de Cristo é uma união de natureza divina e humana sem separação, condenando a posição de Nestório como nestorianismo. Como resultado, Nestório foi deposto do cargo de Patriarca de Constantinopla e enviado ao exílio, primeiro em Antioquia e depois em uma região remota do Egito, onde provavelmente morreu em 451.

- A Redenção da Teologia de Nestório. Apesar da condenação, a visão teológica de Nestório não desapareceu. Em 1910, foi redescoberta a obra "O Bazar de Heráclides", na qual Nestório defendia que Cristo, enquanto uma pessoa, possuía duas naturezas distintas, humana e divina, mas sem que isso implicasse em uma divisão de sua pessoa. Essa formulação acabou sendo vista como compatível com a definição do Concílio de Calcedônia (451), que estabeleceu a doutrina da unidade hipostática.

2.2 Nestorianismo.

A LIÇÃO DIZ: *Segundo o pensamento nestoriano, as duas naturezas de Cristo, a humana e a divina, eram duas pessoas. Essa foi a acusação contra ele. A ilustração nestoriana era a comparação de marido e mulher serem 'uma só carne' (Gn 2.24). Essa alegada afirmação nestoriana foi considerada heresia pelo Concílio de Éfeso em 431. Ele foi condenado por esse concílio, que o declarou herege, e o imperador o exilou.*

O nestorianismo é uma doutrina errada que distorce a união das naturezas de Cristo. A Bíblia ensina claramente que Jesus é uma única Pessoa com duas naturezas distintas – divina e humana – mas essas naturezas estão unidas de maneira inseparável, sem que haja qualquer divisão ou separação de pessoas em Cristo. A correta compreensão da união hipostática, que é a união das naturezas divina e humana em uma única pessoa, refuta o nestorianismo de forma sólida e bíblica.

2.3 Monofisismo.

A LIÇÃO DIZ: *O termo vem de duas palavras gregas: monos, 'único', e physis, 'natureza'. Seu principal expoente foi Êutico, também conhecido como Eutiques. Essa doutrina afirma que as duas naturezas de Cristo são fundidas em uma só natureza amalgamada. O sentido de 'amalgamar' não é o de unir, mas de misturar, fundir, assim, seria uma só natureza híbrida, nem totalmente Deus e nem totalmente homem. Essa doutrina foi condenada no Concílio de Calcedônia, em 451.*

O maior erro doutrinário do eutiquianismo (ensino de *Eutiques*) é a negação da plena humanidade de Cristo, resultando na absorção da natureza humana de Cristo pela natureza divina. *Eutiques* afirmava que, ao se encarnar, a natureza humana de Cristo foi totalmente absorvida pela natureza divina, deixando de existir como uma natureza humana distinta. Isso é contrário à doutrina cristã da união hipostática, que ensina que as duas naturezas de Cristo – divina e humana – existem de forma plenamente unida, mas não misturada ou absorvida.

Explicando o erro doutrinário de forma clara:

1. A negação da verdadeira humanidade de Cristo: *Eutiques* acreditava que, durante a encarnação, a natureza humana de Cristo foi completamente absorvida pela natureza divina. Em outras palavras, ele afirmava que não havia uma verdadeira humanidade em Cristo, pois essa humanidade teria sido "fundida" com a divindade, perdendo suas características humanas específicas. Ele sustentava que, após a encarnação, Cristo não possuía uma natureza humana consubstancial com a nossa.
2. Erro da mistura das naturezas: A doutrina de *Eutiques* é uma forma extrema de monofisismo (do grego "mono" = único e "physis" = natureza), que ensina que, em Cristo, existia apenas uma única natureza, a natureza divina, ou uma mistura das duas naturezas. Esse ensino nega a ideia de que Cristo possui duas naturezas distintas, uma divina e uma humana, unidas de forma misteriosa em uma única pessoa.

A Bíblia, no entanto, ensina que Cristo é plenamente Deus e plenamente homem:

João 1.14: "*E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade.*" Este versículo ensina que o Logos eterno (o Verbo) se fez carne, mas sem perder sua natureza divina. Cristo não foi apenas uma fusão de duas naturezas, mas a união de duas naturezas distintas, uma divina e uma humana.

Colossenses 2.9: "*Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade.*" Cristo não teve sua humanidade absorvida pela divindade, mas ambas as naturezas coexistem plenamente em uma única pessoa.

2.4 O Concílio de Calcedônia.

A LIÇÃO DIZ:

O Credo de Calcedônia é uma resposta ao nestorianismo e ao monofisismo como se segue:

Fiéis aos santos pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade e perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e de corpo consubstancial [homoousios] ao Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; "em todas as coisas semelhante a nós, excetuando o pecado", gerado, segundo a divindade, antes dos séculos pelo Pai e, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, gerado da Virgem Maria, mãe de Deus [theotókos]. Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis e imutáveis, inseparáveis e indivisíveis. A distinção de naturezas de modo algum é anulada pela união, mas, pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e subsistência [hypóstasis]; não dividido ou separado em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus Verbo, Jesus Cristo Senhor, conforme os profetas outrora a seu respeito testemunharam, e o mesmo Jesus Cristo nos ensinou e o credo dos pais nos transmitiu.

III. O PERIGO DESSAS HERESIAS NA ATUALIDADE

3.1 Os monofisitas.

A LIÇÃO DIZ: *Quando a doutrina monofisista foi rejeitada juntamente com o nestorianismo, houve reação. Iacob Baradeus (500-578), um monge sírio, liderou o grupo monofisista e preservou a tradição siro-monofisista, conhecida como tradição jacobita. Ele e seus seguidores rejeitaram a decisão do Concílio de Calcedônia. Quem são eles hoje? São as igrejas ortodoxas, cóptica, armênia, abissínia e jacobitas.*

Essas igrejas são chamadas de "pré-calcedonianas" porque rejeitaram as decisões do Concílio de Calcedônia. Elas ainda consideram Cristo "uma só natureza divina-humana" em vez da doutrina das duas naturezas unidas em uma pessoa, como afirmado na teologia calcedoniana. Essas igrejas ainda existem nos dias de hoje e se destacam por vários outros desvios doutrinários como a veneração santos e uso de livros Deuterocanônicos.

3.2 O kenoticismo.

A LIÇÃO DIZ: *Do verbo grego kenoō, significa 'esvaziar' (Fp 2.7). A doutrina kenótica afirma que Jesus, enquanto esteve na Terra, esvaziou a si mesmo dos atributos divinos.*

A doutrina do esvaziamento de Cristo, conhecida como Kenosis, baseia-se em Filipenses 2.6-7. Esse conceito tem sido alvo de muitos debates. A questão central é: Jesus abriu mão de Seus atributos divinos ao se tornar homem? A resposta bíblica é clara: não. Jesus nunca deixou de ser Deus, nem se tornou menos Deus ao assumir a natureza humana. O entendimento correto do esvaziamento de Cristo não é que Ele deixou de ser Deus, mas sim que Ele se humilhou, submetendo-se às limitações da condição humana.

Jesus usou ou não seus atributos Divinos?

Jesus, durante Seu ministério terreno, demonstrou tanto Sua humanidade quanto Sua divindade. Algumas passagens mostram Sua limitação humana:

- Fome – “Depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome” (Mt 4.2).
- Cansaço – “Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte” (Jo 4.6).
- Choro – “Jesus chorou” (Jo 11.35).

Por outro lado, há momentos em que Ele claramente demonstra atributos divinos:

- Onisciência – “E Jesus, conhecendo logo em seu espírito que assim arrazoavam entre si, lhes disse: Por que arrazoais sobre estas coisas em vossos corações?” (Mc 2.8).
- Onipotência – “E, despertando-se, repreendeu o vento e disse ao mar: Cala-te, aquieta-te. E o vento se aquietou, e houve grande bonança” (Mc 4.39).
- Perdão de pecados (Autoridade Divina) – “Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra poder para perdoar pecados – disse ao paralítico: A ti te digo, levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa” (Mc 2.10-11).

Portanto, não podemos atribuir algumas obras a Sua natureza humana e outras à Sua natureza divina isoladamente. Antes, todas as Suas ações foram realizadas pela única pessoa do Deus-homem, que possui duas naturezas inseparáveis.

Jesus Operava No Poder do Espírito Santo?

Alguns defendem que Jesus realizou Seus milagres e obras somente pelo poder do Espírito Santo, e não por Sua própria divindade. É verdade que Ele foi ungido pelo Espírito (Lc 4.18) e dependia do Pai em muitas ocasiões (Jo 5.19). Contudo, isso não anula o fato de que Ele possuía poder próprio, pois:

- Ele afirmou ter poder sobre a vida e a morte – “Tenho poder para dar a minha vida e poder para tomá-la de volta” (Jo 10.18).
- Os discípulos invocavam Seu nome para realizar milagres – “Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda” (At 3.6).

Portanto, Jesus operava tanto no poder do Espírito quanto em Sua própria autoridade divina, pois Ele é Deus encarnado.

O Deus-homem estava presente tanto no barco, dormindo de cansaço, quanto no mar, acalmando a tempestade com Sua palavra. Essa é a maravilhosa união das duas naturezas de Cristo, sem mistura, sem separação e sem alteração.

3.3 Mariolatria.

A LIÇÃO DIZ: *O catolicismo romano adotou o termo 'mãe de Deus' de Cirilo, ou seja, um pensamento antibíblico que se desenvolveu numa teologia e permanece até hoje por conta da sua popularidade. Com isso, aprendemos que o que parece certo e a escolha popular nem sempre representam a verdade (At 8.9-11).*

O termo "Mãe de Deus" (Theotokos) surgiu no século IV durante debates sobre a divindade de Jesus. Ele foi usado para enfatizar que Cristo é Deus e que Maria deu à luz ao Verbo encarnado. No entanto, a Bíblia nunca chama Maria de "Mãe de Deus", apenas de mãe de Jesus (At 1.14).

A palavra Theotokos significa "portadora de Deus" e foi adotada no Concílio de Antioquia (325) para reforçar a crença de que Jesus era verdadeiramente Deus. No entanto, com o tempo, o termo passou a ser usado para exaltar Maria, o que gerou polêmica.

O patriarca Nestório (429) rejeitou esse título, argumentando que Maria era apenas a mãe da humanidade de Jesus, e que seria mais correto chamá-la de "Mãe de Cristo" (Christotokos), pois Deus

é eterno e não pode ter mãe (Sl 90.2; Is 40.28). Ele temia que chamar Maria de "Mãe de Deus" pudesse levar à sua divinização, o que de fato aconteceu com o tempo. (Nestório estava correto neste ponto em particular).

O Concílio de Éfeso (431) confirmou o uso de "Theotokos", mas historiadores relatam que a decisão foi motivada mais por interesses políticos e disputas entre bispos do que por fidelidade bíblica. Posteriormente, a Igreja Católica distorceu o significado original, transformando-o em um dogma mariológico que serviu de base para a veneração excessiva e a mariolatria.

O Concílio de Calcedônia combateu uma doutrina e estabeleceu outra. Todo credo, concílio e qualquer outro documento que seja, deve ser provado pela Palavra de Deus. Maria não é mãe de Deus.

CONCLUSÃO

A doutrina da União Hipostática é fundamental para a fé cristã, pois assegura que Jesus Cristo é plenamente Deus e plenamente homem em uma só Pessoa. Sua humanidade lhe permitiu morrer pelos pecadores, enquanto sua divindade conferiu valor infinito ao seu sacrifício. A Bíblia apresenta essa verdade de maneira clara e inequívoca, e a Igreja, ao longo da história, defendeu essa doutrina contra heresias como o Nestorianismo e o Monofisismo. A correta compreensão das naturezas de Cristo preserva a integridade do Evangelho e reafirma a identidade do nosso Redentor, aquele que, sendo Deus, se fez homem para nos salvar. Que esta verdade fortaleça nossa fé e nos leve a um maior compromisso com a Palavra de Deus.

ABRA A JAULA – PB. MURILO ALENCAR

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

- SIRE, James W. O Universo ao Lado: um catálogo básico sobre cosmovisão. Brasília: Monergismo, 2017.
- KELLER, T. Fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus. São Paulo: Edições Vida Nova, 2018.
- CRAIG, W. L. Em guarda: defenda a fé cristã com razão e precisão. São Paulo: Vida Nova, 2011.

Murilo Alencar | FERRAMENTA EBD

- GEISLER, N. L. Enciclopédia de apologética: respostas aos críticos da fé cristã. São Paulo: Editora Vida, 2002.
- GRUDEM, W. Bases da fé cristã: 20 fundamentos que todo cristão precisa entender. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.
- MENZIES, W. W.; HORTON, S. M. Doutrinas Bíblicas: os fundamentos da nossa fé. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- BOA, K. D.; BOWMAN, R. M. Manual de apologética: abordagens integrativas para a defesa da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 2023.